

## E O LATIM: NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?

*Victor Jabouille\**

CAESAR

*Et tu, Brute?* - Then fall Caesar!

*He dies*

Shakespeare, *Julius Caesar*, III, 1, 77

**C**aius Iulius Caesar, dictator, imperator, consul, censor, tribunus plebis, pontifex maximus, nunca rex, foi assassinado nos Idos de Março do ano 44 a.C. No Senado, envergando o seu manto púrpura, César sofre vinte e três facadas sem um grito de dor, procurando manter toda a dignidade própria de um descendente de Eneias e, por essa via, da deusa Vénus. Ao ver que também *Marcus Brutus* se precipitava sobre ele para o ferir, proferiu, segundo Suetónio, as palavras imortais: «Καὶ σὺ τέκνον;»<sup>1</sup>

\* Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

1 Suetónio, *Vie des douze Césars. Tome I. César — Auguste*, Paris, Les Belles Lettres, 1954 (*Dinus Iulius*. LXXXII, 1-3): *Assidentem conspirati specie officii circumsteterunt, ilicoque Cimber Tullius, qui primas partes susceperat, quasi aliquid rogaturus propius accessit renuentique et gestu in aliud tempus differenti ab utroque umero togam adprehendit; deinde clamantem «Ista quidem uis est!» alter e Cascis auersum uulnerat paulum infra iugulum. Caesar Cascae brachium arreptum graphio traiecit conatusque prosilire alio uulnere tardatus est; utque animaduertit undique se strictis pugionibus peti, toga caput obuoluit, simul sinistra manu sinum ad ima crura deduxit, quo honestius caderet etiam inferiore corporis parte uelata. Atque ita tribus et uiginti plagis confossus est, uno modo ad primum ictum gemitu sine uoce edito, etsi tradiderunt quidam Marco Bruto irruenti dixisse «Καὶ σὺ τέκνον;».*

A acreditar no biógrafo, César, num momento tão importante, tão dramático e, simultaneamente, tão solene como é o da morte consciente, moribundo e desiludido, dirige ao suposto filho adoptivo Bruto a última recriminação em grego! «Καὶ σὺ τέκνον;» Depois destas palavras, e seguindo agora Plutarco<sup>2</sup>, César, completamente desiludido, abandonou-se à morte.

Que terá levado um homem como César a proferir as suas últimas palavras em grego, uma língua que dominava, mas que, de facto, não era a sua língua materna? Consciência histórica conclusiva dos *Commentarii*, contexto e conteúdo simbólicos, pedantismo erudito ou, simplesmente, espontaneidade de quem é naturalmente bilingue?

A resposta a esta pergunta é de extrema importância, pois alguns podem ser levados a concluir que se um romano tão importante como César se permite abdicar da língua primeira no instante sem retrocesso da vida é porque já então o latim era dispensável. Esta conclusão leviana e, quiçá, concebida por qualquer pervertida mente funcional-economicista, mais do que justificar a extinção, exemplifica que a cultura é um bem essencial de consumo e que uma das soluções para o futuro pode ser, sim, o extermínio de alguns agentes de ensino e técnicos de actuação governativa responsáveis pela má imagem pública que o Latim aparenta ter. Expliquemo-nos.

Qualquer abordagem do problema exige a definição de um quadro da situação e uma avaliação do ensino existente. Os centros de tutela não nos fornecem elementos definitivos<sup>3</sup> e, em consequência, o esboço de análise é provisório. Se, quanto às áreas geográficas das Direcções Regionais da Madeira e dos Açores, podemos saber quais são as escolas e o número dos alunos que nelas frequentam Latim e se, por exemplo, temos acesso a um quadro da distribuição dos alunos na Região Centro, em relação ao Norte apenas sabemos que existe um total de 78 núcleos de estágio em 20 escolas secundárias. No que respeita a Lisboa, o Latim é ensinado em 113 escolas secundárias. De concreto, podemos apresentar esquematicamente a situação referente à Região Centro, à Madeira e aos Açores, que é a seguinte:

---

2 *Caesar*, LXVI.

3 Os dados apresentados foram obtidos por consulta directa às Direcções Regionais de Educação e às Universidades e Faculdades, públicas e privadas. Os dados foram solicitados em nome do Prof. Aires Nascimento e no âmbito de uma avaliação da situação do Latim em Portugal.

	10º	11º	12º	TOTAL
MADEIRA	190	151	23	364
AÇORES	375	240	189	804
D.R. CENTRO	2 078	1 150	903	4 131
<b>TOTAL</b>	<b>2 643</b>	<b>1 541</b>	<b>1 115</b>	<b>5 299</b>

### *Quadro 1*

Os dados que temos disponíveis fornecem-nos uma informação complementar importante: na rede de ensino secundário português, o Latim é ensinado a alunos do 10º e do 11º anos em 290 escolas públicas e privadas<sup>4</sup>.

A análise dos valores apresentados apenas permite concluir que cerca de 58,3% dos alunos do 10º considerados não têm tendência para frequentar o Latim no 11º ano e que os que frequentam o 12º (3º ano de Latim ou único?) é muito reduzido: menos de 15% do número total dos alunos que estudam Latim. Os dados que possuímos não permitem projecções a nível nacional e, pela escassez, são exemplificativos do interesse que a tutela dedica ao Latim.

É necessário salientar que a estrutura resultante da Reforma Educativa em curso e a progressiva separação entre o ensino básico e o ensino secundário — onde está curricularmente o Latim —, acompanhadas por uma ainda ignorada definição de habilitações para o ensino e por inovações no sistema (como as "Escolas Básicas Integradas"), limitam ainda mais os horizontes de implantação do Latim. Recordo apenas que a última versão do diploma de habilitações para a docência, considerada pronta para aprovação pelo anterior Ministério da Educação, não só consagrava a obrigatoriedade de opção quanto à disciplina ou grupo de disciplinas a leccionar como insistia na separação da docência do Português da do Latim e do Grego.

É este o panorama possível em relação ao ensino secundário. Consideremos agora o outro grande reduto de defesa e de implantação do ensino do Latim em Portugal: o ensino superior universitário. Os dados que possuímos dizem respeito às Universidades e Faculdades que têm cursos na áreas das Humanidades, Letras e Ciências Sociais e Humanas.

---

4 Dados do Departamento de Programas e Gestão Financeira constantes da informação da D.R.E.L.

A formação em Latim existente nas Universidades é de quatro tipos:

- formação específica na áreas dos Estudos Clássicos/Humanidades a nível de licenciatura;
- formação em Latim como matéria curricular para outras áreas científicas a nível de licenciatura;
- formação profissionalizante (*Ensino de e Ramos Educacionais*);
- formação pós-graduada.

A análise que propomos visa apenas os cursos de licenciatura.

Os números que possuímos dizem respeito praticamente a todas as instituições de ensino universitário públicas que têm o Latim como disciplina curricular em cursos da área das Letras/Humanidades/Ciências Sociais e Humanas e a duas unidades da Universidade Católica Portuguesa (Braga e Viseu), o que define uma atitude muito consciente e positiva face ao Latim. Num total de pelo menos 4 644 alunos, o índice médio de preparação prévia em Latim oscila entre um mínimo de cerca de 13% (Universidade de Évora) e um máximo de cerca de 70% (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). A falta de dados específicos não nos permite especular acerca da distribuição e movimentação regionais.

A falta de preparação prévia em Latim levou uma parte das Universidades a criarem *Cursos Propedêuticos* ou *Cursos Elementares*, que facultam a formação básica que dá acesso a cadeiras (e matérias) curriculares; outras, nivelaram pelo índice zero e fazem corresponder os programas universitários aos dos 10º e 11º anos do ensino secundário. Concretizam-se, deste modo, diferentes níveis de aprendizagem e aprofundamento, provocando uma conseqüente situação de desigualdade: formação diferente é contemplada por um diploma igual ou equivalente e não implica conseqüências a nível profissional.

Interessa salientar que apenas cerca de 20% dos alunos que estudaram Latim no ensino secundário segue planos escolares universitários nos quais a disciplina é curricular. A primeira tentação face a esta conclusão, e tendo também em conta as soluções de funcionamento, é perguntar se não é melhor começar por extinguir o Latim pelo menos no ensino não superior. E haverá justificação para o manter no superior já que, por exemplo e além dos números, também é possível fazer formação de professores de Português e Francês (1º e 2º ciclos do ensino básico) sem recurso ao Latim?

Procuremos ser objectivos na análise do problema e voltemos à dúvida essencial resultante da frase terminal de César: porquê em grego? Podemos admitir que o grego, como língua de cultura, era o veículo adequado à solenidade do momento. Mas, prosseguindo o raciocínio, também o Latim é, face ao Português, uma língua de cultura e nobiliárquica, isto para já não recordar a relação etimológica. Se o Português é uma língua românica — e considerando o conhecimento científico do Português e as raízes da cultura pátria — a continuidade justifica-se, sob pena de perda de identidade linguística nacional.

O Latim é hoje, tal como o Grego no tempo de César, uma língua que determina cultural, política e socialmente homens e instituições. Refira-se apenas um exemplo: as novas universidades que têm surgido nos últimos tempos na Rússia incluem o Latim nos seus currículos, mesmo quando são de natureza técnica. O falar do velho Lácio não é curricularmente essencial, mas é um elemento *formativo* indispensável e nobiliárquico, na tradição da grande Universidade Lomonosov de Moscovo, que tem nos Estudos Clássicos o seu núcleo de prestígio.

Os argumentos usados tradicionalmente para justificar a aprendizagem do Latim ainda são válidos, mas não estão já totalmente de acordo com as exigências da nossa época. De facto, a *mudança* é, nos nossos dias, demasiado rápida e a hierarquia dos valores altera-se, inverte-se quase. A extraordinária rapidez do desenvolvimento científico e tecnológico e das alterações económicas, políticas, sociais e morais tem, naturalmente, consequências culturais. O ritmo alucinante da vida neste final do século XX d.C. e o utilitarismo pragmático dominante conjugam-se para, perante uma resposta demasiado intelectual, acelerarem a extinção do estudo do Latim. O Prof. Viktor Poschl, da Universidade de Heidelberg, afirmava, em 1988, em Coimbra, a propósito do declínio do estudo das línguas antigas: *...il faut avouer que ce genre de formation pêche souvent en ce qui concerne l'actualité et ne donne guère une orientation raisonnable actuelle*<sup>5</sup>.

Inútil e desactualizado, o que resta ao Latim? Apenas um estertor penoso ou um extermínio digno?

Lendo as Actas dos quatro Colóquios realizados em Portugal sobre o ensino das Línguas Clássicas e sobre o ensino do Latim<sup>6</sup>, verificamos que

---

5 Viktor Poschl, "Les causes de la décadence des langues anciennes", *Actas do Congresso Internacional "As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal"*, Coimbra, 1988, p. 328.

6 *Colóquio sobre o Ensino do Latim*, Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra, 1973; *Colóquio sobre o Ensino do Latim*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa,

há uma constante: o lamento quanto ao estado em que se encontra o ensino do Latim em Portugal. Se, em vinte e um anos, nada mudou, talvez o problema esteja mesmo no Latim. Ou nas pessoas que o ensinam. Ou, então, devemos concluir que com estes se encontra conjugado um fenómeno mais vasto, localizável a nível de mentalidade obscurantista colectiva e/ou de minoria dirigente néscia.

O Latim é hoje afectado, a nível mundial, por um processo progressivo de *desculturação* e de abandono, isto é, a sociedade actual tem cada vez menos disponibilidade para se realizar em actividades de natureza cultural. O materialismo economicista que orienta a acção dos dirigentes políticos é o outro factor determinante. Enquanto não for aceite que o conhecimento do Latim (entendido na forma ampla que integre a cultura) é, para o Português, um elemento essencial para a definição da identidade pessoal e nacional, não vale a pena encontrar razões para justificar o seu estudo. O princípio da União Europeia, e as polémicas sucedâneas, como a do regionalismo *vs* universalismo ou nacionalismo *vs* internacionalismo, estão subjacentes na própria concepção do Império Romano, que, na sua concretização, estrutura e dinamismo, era uma realidade muito mais vasta e ambiciosa.

O investimento cultural é, a nível individual e colectivo e tendo, por outro lado, em conta as realidades actuais e as perspectivas de um futuro melhor, o mais importante factor de desenvolvimento. Se o querer das estruturas decisórias a nível político evoluir para uma efectiva dinâmica de progresso, o Latim está naturalmente justificado como elemento geral de estudo e factor efectivo de desenvolvimento. Não voltaremos a ter necessidade de chamar a atenção para o assunto em colóquios internacionais e o Latim não voltará a ser ameaçado.

E, se se der o "milagre" do desenvolvimento cultural, estarão os professores de Latim preparados para acelerar o processo de activação do estudo? Esta pergunta tem — queremos que tenha — uma resposta afirmativa, mas persiste uma dúvida: não compartilharemos nós, professores de Latim, uma parte da responsabilidade do desinteresse geral? O fenómeno, como já foi acentuado, não é apenas nacional, nem sequer europeu. Não podemos, contudo, negar que nem sempre respondemos aos desafios do presente da melhor maneira e, principalmente, tendo em conta o futuro.

Creio — e incluo-me entre os potenciais suspeitos — que o grande óbice a um eficaz, dinâmico e actual ensino do Latim é a incompetência. Esta incompetência manifesta-se a nível científico e pedagógico e concretiza-se na ignorância e na desactualização científicas. O agente de ensino do Latim — distingo-o do professor — limita a sua formação científica à escolar e, em consequência, não aprofunda e não actualiza os seus conhecimentos. A investigação — não incentivada e não apoiada — continua a não ser uma realidade rotineira. A não existência de uma formação em didáctica específica antes de 1988 faz com que a maior parte dos agentes de ensino tenha apenas conhecimento das técnicas, metodologias e estratégias com que contactou enquanto aluno. A estrutura de *escola de programa* que caracteriza o sistema educativo português estimula a estagnação do *corpus* dos textos e das matérias lectivas<sup>7</sup>. Apesar da tradição secular, a didáctica do Latim sofreu uma notória evolução neste século XX d.C. De facto, apesar da permanência do designado método tradicional<sup>8</sup> (ou literário), implantado no século XIX e desenvolvido a partir do estudo sistemático da língua com base em passos seleccionados de autores paradigmáticos, e do fracasso do método directo<sup>9</sup>, foram tentadas novas e variadas metodologias e publicaram-se obras marcantes. São obrigatórias referências a *The word order method* (1920), de Mason Gray, Rute S. Craig e Gerde M. Seligson, ao volume de Jean Cousin *Les Études Latines* (1944), a Waldo Sweet e *Latin — A Structural Approach*<sup>10</sup> (1957), obra herdeira das teorias linguísticas de L. Bloomfield.

No início dos anos setenta, verifica-se a materialização de tendências didácticas orientadas, caracterizáveis por décadas. É sobretudo a partir deste momento que se torna notória a tendência cultural que o ensino do Latim vai progressivamente assumindo. Simultaneamente, acentua-se o recurso, já anteriormente iniciado, à linguística estruturalista, em particular à generativo-transformacional. São de referenciar experiências metodológicas como *The Cambridge Latin Course* (1971) e *Ecce Romani* (1971) ou, posteriores, *Initiation au système de la langue latine*,<sup>11</sup> de F.

---

7 Cf. Victor Jabouille, "Eu, Professor de Latim: Hoje e Amanhã", *Classica*, 19, 1993, pp. 37-54.

8 Cf., p.e., J. Collart, *Méthodologie de l'enseignement moyen*, Bruxelles, Alfred Castaigne, 1904.

9 Cf., p.e., R. B. Appleton e W.H.S. Jones, *Initium, a first latin course on the direct method*, Cambridge, University Press, 1916.

10 Ann Arbor, University of Michigan Press.

11 Paris, Nathan.

Kerlouégan, D. Conso e P. Bouet (1975), e *Latin*<sup>12</sup>, de Manuel Díaz, José Luís Hernandez e José Luís Ramirez (1977). 1973 é o ano da publicação de um importante estudo teórico de Rainer Nickel: *Altsprachlicher Unterricht*<sup>13</sup>.

A tendência cultural do ensino do Latim, valorizada pela apresentação gráfica e iconograficamente enriquecida, acentua-se nos anos 80 e é exemplificável em obras como *Latin*<sup>14</sup> de Jean Wuillème e Alain Jean (1988). Saliente-se que na vizinha Espanha se aprofunda o estudo do Latim tomando como base os elementos referentes à Hispânia. Um excelente exemplo é *Raíces latinas de la lengua y la cultura Hispânica*<sup>15</sup> (1988).

A tendência para recuperar o estudo essencial da língua latina confirma-se nas publicações dos anos 90. Citem-se apenas os exemplos das edições de 1990 e 1991, respectivamente, de *Artes*<sup>16</sup> e de *Lectio*<sup>17</sup>, de M. Lavency. O exemplo das línguas modernas e a utilização do laboratório de línguas, por um lado, e o desenvolvimento e democratização da informática também se vão manifestar positivamente no ensino do Latim. Refiram-se apenas os exemplos pioneiros de Liège e de St. Andrews.

Estes são alguns dos factores científicos a ter em conta no trabalho na área da didáctica do Latim.

Deve ser ainda salientado aquilo que podemos definir como o complexo de ser antiquado. Quando surge, por exemplo, uma inovação pedagógica, todos afirmam que, afinal, já a estavam a concretizar. Recorde-mos como a "descoberta" em Portugal da exploração das inscrições no ensino do Latim, principalmente numa fase elementar<sup>18</sup>, provocou uma verdadeira corrida acrítica à sua utilização. Escolhidas sem critérios, confundindo níveis, datas e dados culturais, insuficientemente integradas e compreendidas e exploradas segundo os métodos que são aplicados a qualquer texto da "selecta", as inscrições popularizaram-se, banalizaram-se e arriscam-se a ter uma função negativa, completamente contrária à

---

12 Salamanca, Anaya.

13 Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft; tradução italiana *L'insegnamento delle lingue classiche. Nuove possibilità per una sua motivazione didattica*, Roma, Cadmo Editore, 1976.

14 Paris, Hachette.

15 Madrid, Ministério da Educação.

16 Paris-Gembloux, Duculot.

17 Paris-Gembloux, Duculot.

18 Cf. Maria Cristina de Castro-Maia S. Pimentel, "O manual de latim: caixa de Pandora ou cornucópia da abundância?", *As Línguas Clássicas. Investigação e Ensino. Actas*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1993, pp. 189-198.



que têm nas mãos dos bons professores.

Os estudos fundamentais e aplicados prosseguem, nomeadamente a nível de linguística latina. Problemas básicos são de novo estudados e equacionados de modo diferente tornando, assim, possível, avançar no estudo da língua do velho Lácio. O último congresso de linguística latina<sup>19</sup>, realizado em Jerusalém, em 1993, é um bom exemplo do que afirmamos. E, todavia, este tomar de consciência dos problemas reflecte-se num número diminuto de professores.

Os professores de Latim criaram o saudável hábito de se reunirem, em Lisboa ou em Coimbra, uma vez por ano, para fazerem um balanço das suas actividades, para apresentarem os seus trabalhos e experiências, para aprenderem e conviverem e, também e sempre, para clamarem contra a situação grave a que o Latim chegou e fazerem, complementarmente, pública declaração de boas intenções e de comprometimento na sua defesa intransigente. O ser activo supõe responsabilidade acrescentada. É preciso que, depois de terminado o Colóquio e nas actividades do quotidiano, cumpramos o que prometemos e não continuemos a repetir erros básicos como verdades irrefutáveis (recordemos apenas quase tudo o que é dito acerca das *excepções...*), ou a dizer, e a escrever, por exemplo, Pompeia e Pompeu por Pompeios e Pompeio, Cibele por Cíbele, Crónos por Crono, Urano por Úrano, Alcino por Alcínoo, Gaia por Geia<sup>20</sup>, etc., ou a admitirmos o autárquico *benvindo*.

O campo de aplicação do Latim é, ainda, vasto em Portugal, sobretudo se o entendermos numa perspectiva pluri e interdisciplinar. Continuamos a saber pouco sobre a história antiga de Portugal e o estudo das fontes históricas escritas em Latim é incipiente. O estudo e ensino do Português passam necessariamente pela língua latina, apesar de todos os estrangeirismos que nos invadem e do distanciamento pedante dos ignorantes que querem continuar a sê-lo. A literatura antiga é, em relação às épocas posteriores, incluindo a contemporânea, modelar e referencial. Mas, no sul da Europa, o planeamento regional passa também pelo conhecimento da organização das estruturas regional e agrária definidas pelos Romanos. O Direito tem uma importante componente romana e os princípios das relações internacionais, tal como estas hoje se entendem, foram definidos na Antiguidade. Numa época de crise de valores como a nossa, o conhecimento do Homem enriquece-se com o estudo das *litterae*

---

19 "Seventh International Colloquium on Latin Linguistics".

20 Todos os exemplos são extraídos de manuais portugueses de Latim editados recentemente!

*humaniores.*

A formação proporcionada pelo Latim pode originar perfis profissionais "apetecidos" por sectores estranhos ao tradicional mercado:

- *capacità di cogliere i problemi posti all'impresa (scelta di strategia, politica d'investimento, vantaggi ed inconvenienti di un mercato, di un accordo o di una fusione, politica di assunzione, politica finanziaria, etc) in tutta la loro complessità.*
- *Attitudine a sintetizzare dopo analisi di tutti i parametri.*
- *Capacità di esporre chiaramente, dopo analisi e sintesi, le questione poste.*
- *Attitudine particolare alle "relazioni umane".*
- *...il quadro superior o il dirigente di formazione classica è particolarmente utile nelle relazione d'affari.*

Estes parâmetros, discutidos na Comissão Económica do Colóquio "Il Latino per una Europa Intelligente"<sup>21</sup>, foram confirmados pelos especialistas participantes. A via é, sem dúvida, cultural, mas com o indispensável suporte linguístico profundo, como César, aliás, sabia. Καὶ σὺ τέκνον.

---

<sup>21</sup> *Il Latino per una Europa Intelligente*, Roma, União Latina, 1990, pp. 176 e ss.